

PARA ALÉM DA FORMAÇÃO “PROFISSIONAL” EM EDUCAÇÃO FÍSICA:

em defesa da formação humana

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favo, não mexa aqui,
Que eu não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.
Você teve indução,
Aprendeu munta ciência,
Mas porém, eu não invejo
(...) O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô..

(Trecho do Poema de Patativa do Assaré - *Cante Lá, que eu canto cá*)

É com satisfação que apresentamos à comunidade científica da área mais um número da revista Motrivivência. E, antes de mais nada, queremos fazer um esclarecimento importante. Para o presente número, estava prevista como temática “Educação Física, Esporte, Lazer e Escola”. Por meio dela, pretendíamos conhecer como a Educação Física, seja como componente curricular, seja através de projetos extra-curriculares, está participando da construção de novos modos do fazer pedagógica na escola. Surpreendentemente, as contribuições recebidas revelaram-se pequenas em quantidade e com diversos problemas editoriais, apontados por nossos pareceristas. Temos algumas hipóteses a respeito disso, mas deixamos para que cada leitor/a tire suas conclusões.

Do ponto de vista editorial, a solução encontrada foi antecipar o tema que estava previsto para o número seguinte - Educação Física, Currículo e Formação Acadêmica – já que foram muitos os trabalhos originais recebidos, todos de excelente qualidade. Tanto que, nessa mesma decisão, optamos por desdobrar essa temática nos dois próximos números (25 e 26). O tema da Escola, todavia, permanece como um desafio para os nossos colaboradores, podendo ser retomado caso a demanda de artigos demonstre interesse por ele.

A ementa da temática sobre currículo e formação proponha a seguinte reflexão:

De 1997 a 2004, a Educação Física brasileira (bem como as demais áreas de formação acadêmica) discutiu suas diretrizes curriculares para a formação de licenciados e bachareis. Neste mesmo período, o número de cursos de Educação Física mais do que dobrou. Esses fatores, aliados a outros como o crescimento da pós-graduação e o respectivo aumento do número de mestres e doutores, constituem o cenário acadêmico, político e profissional em que estão se dando as reformas curriculares. Deste grande movimento, deverá sair a “cara” da Educação Física nos próximos anos ou décadas. Embora o tempo decorrido seja ainda pequeno para a necessária revisão, propomos uma reflexão coletiva sobre como entramos, participamos e estamos saindo deste processo.

Neste sentido, entendemos que, ao lado da importância em si da questão tematizada, assim como nos nossos números anteriores, estes temas trazem, de forma implícita, nos respectivos editoriais, uma determinada visão de homem, mundo e sociedade. Essas concepções, próprias do projeto editorial da *Motrivência*, almejam, junto com a totalidade dos textos, à medida do possível, se constituir numa crítica ao utilitarismo, pragmatismo e à lógica do mercantilista imposta pelo capital; lógica esta, ainda presentes, em grande parte, da produção do conhecimento e no desenvolvimento de políticas públicas, ações e projetos governamentais e não-governamentais no âmbito da Educação Física, e Esportes e Lazer.

Nesta perspectiva, pode-se inferir que, ainda que de forma velada, nos editoriais e artigos dos números anteriores, esteve também subjacente uma determinada idéia de “formação em Educação Física”. No entanto, torna-se necessário, fazer a autocrítica de que era necessário, junto com os textos deste número, avançar para além do tema por nós sugerido, o da *Formação Profissional*. Isto se impõe, uma vez que, subjacente ao tema, a nossa ver, caberia, na nossa área, levantar algumas perguntas, tais como: Formação profissional ou formação humana? Formação de educadores ou de profissionais da Educação Física? Por fim, caberia uma pergunta-síntese de todas essas: finalmente, educar ou profissionalizar? Com essas perguntas, não pretendemos, neste editorial, esgotar as reflexões e possíveis respostas. Queremos, apenas, alimentar o debate a ser realizado, durante a leitura dos artigos e textos nas diferentes seções, considerando também a pertinência do tema em razão do processo da implantação, em âmbito nacional das diretrizes e parâmetros curriculares, processo este cuja polarização se verifica entre as concepções de formação subjacentes à Licenciatura e ao Bacharelado.

O debate em torno dessas questões pode se dar, como veremos no corpo da revista, sob diversos matizes epistemológicos. Entretanto, de acordo com nossas posições epistemológicas e político-pedagógicas, eles precisam refletir o processo de formação humana para além da formação meramente *profissional*, ainda que ambas estejam e possam ser debatidas paralelamente. Contudo, urge lembrar que o processo de formação humana, enquanto *formação de educadores*, trás em seu âmbito, fundamentalmente, uma concepção de educação, sobretudo quando se trata da cultura corporal de crianças, jovens, adultos, velhos, enfim, de trabalhadores e trabalhadoras.

No que concerne ao conceito de *formação profissional*, não caberia questionar ainda se grande parte da comunidade acadêmica da Educação Física, com as devidas exceções, não têm ainda o desejo da educação profissional (profissionalizante), enquanto inserção efetiva e eficiente no chamado *mercado de trabalho* e no modo de produção capitalista? Esta pergunta provocativa pode ter a seguinte resposta provisória: parece que na Educação Física, o que se entende por *formação profissional* tem como pressuposto ontológico a idéia do sujeito atrelado à lógica do mercado, no qual o *corpo produtivo* é extremamente útil para manter a reprodução e manutenção do capital. O corpo produtivo contém a dimensão do trabalho produtivo como trabalho humano abstrato e não como atividade vital. Trata-se, portanto, do corpo que trabalha sob a égide do trabalho abstrato com o fim único de trabalhar para manter-se e satisfazer as meras necessidades de “sobrevivência”. O corpo é considerado “produtivo” à medida que produz capital, entra no circuito de mercadorias, realiza mais-valia para o capitalista, ou que trabalha para tornar rentável o capital¹.

¹ Cf. RUBIN, Isaak I. *A teoria marxista do valor*. São Paulo: Polis, 1987.

Aliás, a esse respeito, por suas posições corporativas e autoritárias, principalmente em relação aos licenciados e às práticas escolares², pode-se dizer que o sistema CONFEF/CREF's vem contribuindo para o crescimento do mercado do fitness, do comércio pouco ético e em massa de bugingangas e de subprodutos da indústria capitalista ligada à cultura de consumo (drogas, bebida, cigarro, vestuário); para tanto, adota sem qualquer crítica os mesmos métodos e procedimentos comunicacionais da cultura midiática de massa, as empresas do supérfluo, das fantasias e das ilusões³. Como se tudo isso não bastasse e, o que é ainda mais grave, o conselho profissional tenta interferir na autonomia das universidades, ao imiscuir-se no processo de reestruturação curricular dos cursos de Educação Física.

A partir do exposto, somos da opinião que é necessário rever o conceito de Educação que está implícito no que se tem chamado de formação profissional. Neste sentido, pode-se dizer que, se considerando que *toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica*, a educação, nestes termos, pode ser considerada como um instrumento de luta. Luta esta que visa estabelecer uma nova relação hegemônica que permita construir um novo bloco histórico sob a direção da classe fundamental dominada da sociedade capitalista – os trabalhadores. Porém, cabe destacar que, os trabalhadores só podem se erigir como força hegemônica, se articulado com a superação, a partir da elevação do nível cultural das massas. Assim sendo, a educação assume um papel fundamental na luta hegemônica em dois momentos simultâneos e dialeticamente articulados entre si: a) um momento negativo que consiste na crítica da concepção dominante (a ideologia burguesa); b) e um momento positivo que significa: trabalhar o senso comum de forma a extrair o seu núcleo válido (bom senso) e emprestar-lhe expressão elaborada – visando à construção de uma concepção de mundo adequada aos interesses da classe trabalhadora⁴.

Diante do exposto, a educação dos educadores no ponto de vista da formação humana, portanto, para além da formação meramente *profissional*, assume uma posição incompatível com a postura elitista, uma vez que a educação numa perspectiva revolucionária e de prática transformadora é uma atividade humana que supõe a heterogeneidade (diferença) no ponto de partida e a homogeneidade (igualdade) no ponto de chegada⁵.

O debate acerca do conceito de educação no ponto de vista formação humana para além da formação meramente profissional também poderia levar em consideração a *Educação para além do capital*, que *educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida. É construir, libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades. Sendo assim, educar para além do capital implica pensar numa sociedade para além do capital*⁶.

² O sistema CONFEF/CREF's pratica terrorismo contra os licenciados e os cursos de licenciatura, ameaçando proibir o exercício profissional destes para além do componente curricular Educação Física escolar (Cf. QUELHAS e NOZAKI, em texto inédito, aprovado para o número 26 da Motrivivência).

³ Cf. TAFFAREL, Celi N. *Lazer e Projeto Histórico*. Impulso - Revista de ciências Sociais e Humanas, vol. 16, jan.-abr. 2005, p.91-106.

⁴ Cf. SAVIANI, Dermeval. *Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica*. São Paulo: Autores Associados, 2004, p.1-8.

⁵ Ibidem

⁶ Cf. MÉZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 15-18.

Um processo de formação humana, cujo conceito de educação seja *para além do capital*, contudo, não se resume a um processo de transformações apenas na Educação, muito menos somente na Educação Física, mas sim na ação revolucionária no campo da educação e do trabalho, com vistas à emancipação humana. Isto significa dizer que, a educação é uma luta política e, ao mesmo tempo, luta de classes, a qual se trava, articuladamente com o mundo do trabalho. Nesta perspectiva, a formação de educadores e, particularmente, de professores de Educação Física, deveriam levar em conta, de maneira aprofundada, crítica e radical, as relações entre educação e trabalho, aliadas aos movimentos sociais, considerando as possibilidades político-pedagógicas existentes, se levarmos em conta os tratos com o lazer, os esportes, enfim, com a cultura corporal e de movimento.

Somos da opinião que o processo de formação humana, desenvolvido, seja na escola ou na universidade, deve ser construído por todos os educadores, junto com os movimentos sociais, de forma crítica e contínua (permanente). Além disso, este processo político-pedagógico deve pressupor a possibilidade dos sujeitos superarem as concepções/ práticas dominantes, visando, assim, elevar a prática educativa desenvolvida pelos educadores brasileiros, do nível do senso comum ao nível da consciência filosófica⁷. Tudo isso, significa também, *romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana*⁸, colocando neste lugar uma práxis humana que possibilite tomar decisões próprias, construir resistências no lugar conformismo, construir e reconstruir práticas e métodos de educação, articuladas com a superação da exploração inerente ao mundo do trabalho capitalista.

Em suma, para que o a formação meramente profissional passe a se constituir em um processo de formação humana, *para além do capital*, será preciso que cada educador se torne um militante social ativo:

(...) trata-se de uma obrigação não só do professor de 1º. Grau (já convencido desta necessidade), não só do professor responsável pelo curso de sociologia na escola de 2º. Grau (isto é óbvio), mas também de qualquer especialista: matemático, físico, químico ou naturalista. Dentro de um ou dois anos, a experiência demonstrará que, sem esta condição, será impossível trabalhar no seio da nova escola⁹.

É, pois, com estes desafios que damos prosseguimento a este Editorial, apresentando, de forma breve, os textos que compõem as diversas seções deste número de Motrivivência.

Começamos essa exposição pela seção de *Artigos Originais*, que recebe as contribuições de diversos autores, na forma de três textos. O primeiro, de Celi Taffarel, David Romão Teixeira e Adriana D'Agostini, trata do debate sobre a reconceptualização do currículo a partir das relações gerais trabalho-capital, que se expressam no trabalho pedagógico e no trato com o conhecimento e na singularidade das relações cultura corporal-território.

A seguir, Camila Silva de Aguiar, Paula Pereira Rotelli, Renata Gomes G. Petroni e Dinah Vasconcellos Terra abordam as dificuldades de professores de Educação Física em seus primeiros anos de docência, tomando essa observação como possibilidade de aperfeiçoamento da orientação pedagógica das disciplinas de Didática e Prática de Ensino na UFU. Fechando a seção, Mauro Sérgio da Silva e Valter Bracht

⁷ Cf. SAVIANI, Dermeval. *Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica*. São Paulo: Autores Associados, 2004, p.1-8.

⁸ Cf. MÉZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 45.

⁹ Cf. PISTRÁK, M. *Fundamentos da escola do Trabalho*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2000, p.21-27.

refletem sobre a importância e dificuldades das intervenções profissionais realizadas por graduandos durante a sua formação inicial.

Em *Ponto de Vista*, Mauro Titton, Paulo José Riela Tranzilo e Melina Silva Alves, ex-membros do movimento estudantil, apresentam uma reflexão a respeito do embate estabelecido entre projetos quando da discussão das diretrizes curriculares nacionais da Educação Física.

Cientifique-se abre espaço para que Lísia Costa Gonçalves de Araújo apresente sua dissertação de mestrado, na forma de um resumo expandido, realizada sob orientação do prof. Elenor Kunz, tendo por tema as inter-relações entre linguagem, intersubjetividade e movimento humano.

Evando Carlos Moreira nos relata, na seção *Experimentando*, suas experiências com a prática de ensino em cursos de Educação Física em período noturno, objetivando humanizar o processo de formação profissional.

Coordenado pelos professores José Luiz Cirqueira Falcão e Maria do Carmo Saraiva, o Núcleo de Pesquisa da Rede CEDES da UFSC ocupa o espaço de *Grupos de Estudo* para expor o projeto de pesquisa integrado “As Práticas Corporais no Contexto Contemporâneo: Esporte e Lazer Re-significados na Cidade”.

Porta Aberta encerra esse número com duas contribuições muito importantes. A primeira, de autoria de Fabiana Fernandes de Freitas e Yara Maria de Carvalho, trata das discussões a respeito da inserção da temática do Lazer na formação do profissional de Educação Física. E Márcia Buss Simão reflete sobre a Educação Física na Educação Infantil, área ainda carente de aportes teóricos e metodológicos.

Cabe ressaltar a importância destes textos e expressar nosso agradecimento aos autores, por continuarem confiando na seriedade do projeto editorial da *Motrivivência*, para além dos famigerados processos de certificação e qualificação de periódicos científicos. Esperamos que nossas idéias e reflexões colocadas neste editorial sirvam mais como elementos demarcadores da nossa visão de sociedade, ciência e formação, do que propriamente, uma verdade perene ou um texto teórico completo.

Importa, também, agradecermos profundamente ao Centro de Memória do Esporte, da Escola de Educação Física da UFRGS, na pessoa da colega professora Silvana Goellner, que gentilmente nos cedeu fotografias do acervo do CEME para ilustrar este número.

Por fim, nossa homenagem nesta edição destaca um grande profissional e uma figura humana de rara sensibilidade que, prematuramente, nos deixou há dois anos. Trata-se do professor Roque Luiz Moro, da Universidade Federal de Santa Maria, pessoa estimada e reconhecida por todos os que tiveram o privilégio de conhecê-lo, seja como aluno, como colega e, sobretudo, como amigo verdadeiro.

Florianópolis, outubro de 2006.

Maurício Roberto da Silva e Giovani de Lorenzi Pires – Editores